

# NÃO É PRECISO MORRER PARA DIZER QUE VIVEU: O CORPO FEMININO EM “ORAÇÃO PARA DESAPARECER” DE SOCORRO ACIOLI

Jesus Davi Feitosa Ferreira<sup>1</sup>  
Orientador: Luis Eduardo da Silva  
Andrade<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Graduando do 9º período do curso de Letras Português da Faculdade de Letras (FALE/Ufal). Integrante do Programa de Educação Tutorial em Letras (PET LETRAS/UFAL). ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-2255-8566> E-mail: [jesus.ferreira@fale.ufal.br](mailto:jesus.ferreira@fale.ufal.br)

<sup>2</sup> Professor e Doutor da Faculdade de Letras da Ufal. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6436-8758> E-mail: [luis.andrade@fale.ufal.br](mailto:luis.andrade@fale.ufal.br)

**RESUMO:** Este artigo tem como objetivo analisar a representação do corpo feminino no romance *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, compreendendo de que forma a narrativa constrói reflexões sobre memória, identidade e renascimento. Nesse sentido, a história acompanha a personagem Cida, também chamada Joana, que é desenterrada em um local distante de sua terra natal, Almofala, no Brasil, e acolhida por um casal em Portugal. Sem memória e sem identidade definida, a personagem inicia um processo de reconstrução de si mesma, enquanto o leitor acompanha gradualmente a descoberta de seu passado. Assim, o estudo reside na relevância da obra para os debates contemporâneos sobre a representação da mulher na literatura brasileira, sobretudo, no que se refere às marcas históricas de opressão, silenciamento e reconstrução subjetiva presentes nas experiências femininas. Metodologicamente, a pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativo, sendo fundamentada na análise literária da obra ao considerar os aspectos narrativos e temáticos. Com isso, a investigação parte da leitura crítica do romance, para identificar como o corpo feminino é construído nos espaços de memória e mediação entre vida e morte, seguido de base de autoras que dialogam com a literatura brasileira contemporânea feminina como Chiziane (2002) Souza (1982), Evaristo (2017) e Xavier (2021). Como resultados, observa-se que a narrativa apresenta o corpo da protagonista como território simbólico que carrega marcas de sofrimento, ausência e resistência e ao mesmo tempo possibilita processos de ressignificação identitária. Dessa forma, a análise evidencia que o conceito de “Ressurrecto”, presente na obra, reforça a ideia de renascimento e transformação que contribuem para a construção de uma narrativa que articula dimensões sociais, espirituais e simbólicas da experiência feminina.

**Palavras-chave:** Corpo feminino; Memória; Identidade; Literatura brasileira.

# NO ES NECESARIO MORIR PARA DECIR QUE SE HA VIVIDO: EL CUERPO FEMENINO EN “ORAÇÃO PARA DESAPARECER”, DE SOCORRO ACIOLI

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo analizar la representación del cuerpo femenino en la novela *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, comprendiendo de qué manera la narrativa construye reflexiones sobre memoria, identidad y renacimiento. En este sentido, la

historia acompaña a la personaje Cida, también llamada Joana, quien es desenterrada en un lugar distante de su tierra natal, Almofala, en Brasil, y

acogida por una pareja en Portugal. Sin memoria y sin una identidad definida, la personaje inicia un proceso de reconstrucción de sí misma, mientras el lector acompaña gradualmente el descubrimiento de su pasado. Así, el estudio se fundamenta en la relevancia de la obra para los debates contemporáneos sobre la representación de la mujer en la literatura brasileña, especialmente en lo que se refiere a las marcas históricas de opresión, silenciamiento y reconstrucción subjetiva presentes en las experiencias femeninas. Metodológicamente, la investigación es de carácter cualitativo e interpretativo, fundamentada en el análisis literario de la obra al considerar sus aspectos narrativos y temáticos. De este modo, el estudio parte de una lectura crítica de la novela para identificar cómo el cuerpo femenino es construido como espacio de memoria y mediación entre la vida y la muerte, dialogando con autoras de la literatura contemporánea femenina como Paulina Chiziane (2002), Souza (1982), Conceição Evaristo (2017) y Xavier (2021). Como resultados, se observa que la narrativa presenta el cuerpo de la protagonista como un territorio simbólico que carga marcas de sufrimiento, ausencia y resistencia, y al mismo tiempo posibilita procesos de resignificación identitaria. De este modo, el análisis evidencia que el concepto de “Ressurrecto”, presente en la obra, refuerza la idea de renacimiento y transformación, contribuyendo a la construcción de una narrativa que articula dimensiones sociales, espirituales y simbólicas de la experiencia femenina.

**Palabras clave:** Cuerpo femenino; Memoria; Identidad; Literatura brasileña.

## 1. INTRODUÇÃO

*Aprendi a sonhar minha vida antes mesmo de poder vivê-la; e foi nesse sonho que encontrei forças para ser minha”*  
(Chiziane, 2002, p. 112).

Ao longo da construção da sociedade brasileira, sabe-se que o atravessamento de destruição afetiva e desaparecimento da memória, afeto e identidade, tristemente, fizeram parte do desenvolvimento da nação, em que os povos indígenas, africanos, crianças e mulheres foram e ainda são silenciadas e tiradas de uma grande parte do desenvolvimento artístico, político e econômico do país. Partindo dessa perspectiva, pensar no corpo em movimento e seu atravessamento para construir uma identidade e memória é também falar de que não é preciso morrer para dizer que viveu, por isso, que na obra “Oração para desaparecer”, Acioli retrata momentos que interseccionam o passado, o presente e o futuro como parte de um processo de renascimento para a reconstrução de identidade e que esses atravessamentos são marcas de resistências e construção coletiva.

Nesse sentido, a obra *Oração para desaparecer*, de Socorro Acioli, foi publicada em 2023, e ela apresenta uma narrativa profundamente simbólica, em que o corpo feminino se torna o centro articulador das experiências humanas e espirituais e é o meio que intermedia as passagens de discussões sociais, religiosas e de memória coletiva. Assim, Acioli transforma o corpo da mulher em um território de memória, dor e identidade, utilizando-o como mediador entre dimensões aparentemente opostas, que são a vida e a morte.

Ao longo da narrativa, o corpo não é representado apenas como elemento físico, mas também como espaço de resistência subjetiva e coletiva que durante a narrativa ressignifica os padrões impostos para as mulheres. Assim, ele carrega as marcas da opressão, do sofrimento e das ausências históricas impostas às mulheres que na narrativa retratam a mulher que nasce da terra e perde a memória, sendo um ponto de partida para o seu renascimento e criação de uma nova identidade. Nesse sentido, o romance mobiliza a ideia de uma ressurreição denominada de Ressurrecto que é definida para aqueles que morreram, mas tiveram uma oportunidade de voltar à vida.

Assim, o romance *Oração para desaparecer* (2023), narra a trajetória de uma mulher chamada Cida/Joana que é encontrada sob uma duna, despida e desprovida de memória,

sendo conduzida a reconstruir seus processos de subjetivação e de relação com o outro. A partir dessa corporalidade, a autora elabora uma narrativa marcada pelo (re)encantamento, atravessada por elementos da brasilidade, mesmo diante das tensões que constituem o Brasil enquanto nação.

[...]debaixo do chão era uma agonia gelada, molhada, fedida. Não sentia braços e pernas no breu daquela cova. Perdi a noção do meu corpo, achei que me transformaria em um bicho morto, me desfazendo até virar pó. Ninguém sabe o que fazer na hora da morte. Quando eu já suplicava pelo fim, o buraco me apertou como uma mão gigante de terra, envolveu meu corpo interior e começou a me expulsar. Os olhos lacrados, a hora do parto, a boa hora de Nossa Senhora, as palavras se repetiam no pensamento tomado de desespero (Acioli, 2023, p. 13)

Na obra o que chama atenção é a trajetória da personagem, que conecta diferentes dimensões simbólicas da nossa sociabilidade, transitando pelo Nordeste do Brasil, por Almofala, em Portugal, e por Moçambique, na África. Além do corpo, a língua compartilhada entre esses três lugares aproxima e, ao mesmo tempo, distancia as personagens, revelando marcas que podem ser entendidas como ecos do processo de colonização.

Assim, na narrativa Cida/Joana é desenterrada por mãos estranhas (Florice e Fernando, o casal que a acolhe em Portugal, local onde Cida/Joana foi socorrida), em um local distante de sua terra natal, visto que, a personagem morava em Almofala no Brasil, assim, Cida, torna-se uma mulher sem identidade, memória, mas que reconstrói aos poucos uma nova vida em um lugar completamente desconhecido. Dessa forma, o livro causa muita curiosidade no leitor, porque a personagem ao ser desenterrada, ela não se lembra de sua vida passada e aos poucos durante a leitura, o leitor, vai descobrindo junto com a personagem as suas origens.

No primeiro capítulo, por exemplo, a autora narra o processo doloroso e de desenterramento de um corpo feminino em um local prontamente. Mas, Acioli não apenas descreve esse movimento da personagem, como também, por meio do detalhe da narrativa traz o leitor para a imaginação do espaço-tempo para imaginar o cenário de desenterramento e se questionar o porquê a personagem foi jogada nessa cena de agonia e que a faz perder noção do seu próprio corpo. Logo, Acioli por meio do suspense e da curiosidade prende o leitor a perceber que o corpo feminino não é apenas físico, mas também social e político, em que cada parte do desenterramento é

uma forma de dar possibilidade a uma nova identidade e que o movimento do corpo feminino e da narrativa é o que dissolve as barreiras entre imaginário e o real para o suspense.

Diante disso, o corpo em movimento simboliza a possibilidade de reconstrução da identidade, e mostra que a ação física e simbólica é o que permite à personagem reagir à violência, ao silêncio e às ausências do passado para se ressignificar. Dessa forma, o suspense não é apenas narrativo, mas também existencial, visto que o leitor acompanha o corpo feminino enquanto ele ressurgue, se reinventa e redefine os limites entre experiência, memória e realidade.

Nesse sentido, o romance permite analisar como o corpo da protagonista transita do desaparecimento para o real, como o silêncio propaga a violência gênero, e como o movimento do corpo constrói suspense e ressignifica a experiência da existência. Dessa forma, Acioli oferece uma leitura em que o corpo feminino se torna espaço de denúncia, resistência e renascimento, articulando reflexões sobre identidade, poder e sobrevivência. Por isso, que nesse artigo defendo que a travessia do corpo feminino da personagem Cida/Joana, do imaginário ao real, é mediada pelo silêncio imposto e que é submetido, sendo uma forma de resistência que a conduz pelo movimento (físico, narrativo e dos encantados), que sustenta o suspense e revela a existência ancestral e singular dessa mulher.

Partindo dessas apresentações iniciais, justifico a pesquisa pensando como analisar o corpo feminino que atravessa o imaginário para o real, uma vez que o corpo feminino em *Oração para desaparecer*, atua como ponte entre o imaginário e o real, servindo como mediador das experiências da protagonista que carrega em si as memórias e as narrativas do passado (mesmo que no início da narrativa não lembre de nada), e ao mesmo tempo que se manifesta no presente, nas ações e nas relações afetivas entre Florice, Fernando e Jorge. Essa travessia do imaginário para o real evidencia como o corpo é um meio de construção da identidade ao percorrer esse caminho, o corpo feminino não apenas transita entre diferentes dimensões da narrativa, mas também ressignifica sua própria existência e mostra que o imaginário pode se materializar e transformar o presente.

Logo, busquei analisar na obra, o silêncio como esquecimento de quem foi no passado, o silêncio de quem estava ao seu redor desde o princípio (Fernando e Florice), e tornando a protagonista (Cida/Joana) não apenas um mero silêncio, mas também um sinal de dor, opressão e violência que permanece inscrito no corpo. E por fim, busquei analisar também o movimento do corpo feminino na narrativa que está diretamente

ligado à criação de suspense e tensão, elementos que permeiam a experiência de Cida/Joana. Assim, cada gesto, deslocamento e interação com o ambiente e com outros personagens funciona como recurso narrativo que mantém o leitor em expectativa, enquanto a protagonista atravessa processos de renascimento e transformação.

Dessa forma, este artigo encontra-se estruturado em quatro seções. Na primeira seção, apresentamos a análise do corpo feminino do imaginário para o real. Na segunda seção, discutimos o contexto de diálogo entre o corpo em movimento apresentado em *Oração para desaparecer*. Na terceira seção, descrevemos os procedimentos metodológicos adotados para a realização da pesquisa. Por fim, na quarta seção, tecemos as considerações finais, retomando as principais reflexões construídas ao longo do estudo.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1 Analisar como o corpo feminino atravessa o imaginário para o real

Durante as últimas décadas, sabe-se que o corpo feminino tem sido recorrentemente ressignificado, visto que ele foi deixando de se resumir em sua categoria biológica e passou a ser compreendido em sua concretude sócio-histórica e política. Nesse sentido, ao analisar o corpo feminino, a pesquisadora, Elódia Xavier, após uma pesquisa abrangente sobre a representação dos corpos femininos, principalmente, na literatura escrita por mulheres, ela destaca como os corpos femininos trazem as marcas da opressão do patriarcado e do silêncio, com o intuito de identificar as “estratégias literárias de questionamento da violência doméstica e das imposições da indústria cultural ao corpo da mulher” (Xavier, 2021, p. 242).

O pensamento de Xavier (2021), dialoga fortemente com o termo “Ressurrecto”, que está na obra *Oração para desaparecer*, que pode ser compreendido não apenas como “ressuscitado”, mas como uma categoria simbólica que articula corpo, memória e identidade. No romance, o “Ressurrecto” representa um sujeito que retorna à existência a partir de uma ruptura física ou identitária sem recuperar plenamente o que foi perdido. Logo, é entendido como um processo de reconstrução marcado por lacunas, deslocamentos e reinvenções.

Por isso, que quando Elódia Xavier descreve sobre a opressão do patriarcado que também reflete nas condições de produções de “Ressurrecto”, porque esse conceito é relacionado ao corpo feminino, sobretudo, ao corpo feminino negro, visto que ele ganha ainda mais força crítica na medida em que esse corpo historicamente sofre processos de

apagamento, silenciamento e desvalorização, sendo constantemente atravessado por violências de gênero e por heranças do colonialismo. Nesse sentido, o “Ressurrecto” pode ser lido como uma força que reaparece apesar dessas tentativas de anulação, evidenciando formas de resistência e (re)existência.

A partir disso, o corpo, então, deixa de ser apenas um elemento da narrativa e passa a ser um espaço em que se inscrevem experiências de violência, mas também de sobrevivência. Por isso, que a ausência de memória, nesse contexto, não é entendida como um vazio individual, mas como um reflexo de apagamentos históricos que atingem, de forma mais intensa, mulheres negras. Assim, reconstruir-se torna-se um ato político, uma forma de retomar a própria existência diante de estruturas que insistem em negá-la. Paralelamente, de acordo com Carlos Gomes (2022), afirma que a autora “constrói sua tipologia a partir dos diferentes controles impostos pela sociedade patriarcal e consumista, que reproduzem diversas violências simbólicas”, tocando, de forma tangencial, a violência estrutural de gênero que impulsiona o controle do corpo feminino (Xavier, 2021, p. 238).

Nesse sentido, Elódia Xavier, traz o corpo invisível, “o qual remete à inexistência de alguns personagens exatamente em decorrência de sua invisibilidade social” (Pereira, 2021, p. 89). Assim, o corpus utilizado pela pesquisadora dialoga com a obra *Oração para desaparecer*, uma vez que a protagonista Cida/Joana, que mesmo sabendo que tinha outra vida antes da sua ressurreição, ela se permite imaginar e viver outra vida e faz disso sua realidade, mas que no fundo mais íntimo do seu consciente, ela sentia que o imaginário a fazia bem, mas com medo de acabar lembrando da vida passada. Assim, Joana traz as reflexões de uma personagem inicialmente sem nome e que sente necessidade de ser reconhecida. Essa perspectiva, comprova que a obra revela à tona a questão da “inexistência da mulher como sujeito do próprio destino” (Xavier, 2021, p. 35). que é fruto das injunções sociais que alocam do imaginário ao real.

Dessa forma, analisar o corpo feminino a partir da travessia do imaginário para o real é também reconhecer a forma como as mulheres transformam a dor em criação e o silenciamento em possibilidade de existência. Isso ficou notável quando a personagem Joana, ao habitar o espaço do imaginário (se relacionar com Jorge e criar um romance mesmo não lembrando de quem era no passado), ela não foge da realidade, mas busca por meio de um movimento de resistência se reinventar. Dessa forma, mesmo consciente de que existe outra vida, outras lembranças e uma história que a antecede, ela escolhe imaginar, reinventar e reconstruir-se nesse entrelugar.

A vida é feita de palavras, elas explicam e fazem nascer e morrer. Se ninguém pronunciar um nome este ser está morto, mesmo que respire e leve um coração batendo no peito. Estar vivo é ser palavra na boca de alguém. Não lembrar delas me condenou ao abismo, não saber o nome das pessoas, do meu lugar, a narrativa da minha vida, tudo o que somos é história e história se conta com palavras. Por isso, bastou um bilhete. Lembrei-me da missa: “Mas, disse uma só palavra e serei salvo”. Fui salva por apenas duas, o nome da cidade de onde vim e o meu nome. (Acioli, 2023, p. 111)

Diante desse trecho, percebe-se a importância do movimento feito por Cida/Joana ao longo da narrativa e a sua relação com o imaginário que tornou, então, um território em que o corpo encontra liberdade, da qual o real, tantas vezes opressor, é transfigurado pela imaginação em espaço de vida possível. Mas, há também o medo de lembrar, sendo essa, a memória o poder de reabrir feridas, e é nesse limite entre o lembrar e o sonhar que Joana constrói uma forma própria de viver.

Nessa perspectiva, ao pesquisar o corpo feminino para além da obra *Oração para desaparecer*, notei que a trajetória de Cida/Joana se aproxima da poética de Noémia de Sousa (1982), que na obra *Sangue Negro*, transforma o corpo feminino em símbolo de uma nação marcada pela dor, mas também pela vitalidade. Como afirma a autora, “O corpo da mulher negra é o espaço onde o tempo se inscreve, onde se mantém a memória e se constrói a resistência” (Souza, 1982, p. 45). E assim, Cida/Joana demonstrou a memória ancestral da sua antiga cidade Almofala no Brasil, como parte pertencente a si mesma, apesar de estar em Almofala em Portugal, ela fez disso uma passagem de construção de uma nova identidade.

Ainda assim, de modo semelhante, a escritora Paulina Chiziane, em obras como *Uma História de Poligamia*, apresenta o corpo feminino como campo de conflito e reconciliação, nessa obra as personagens transitam entre o imaginário e o real, entre a submissão imposta pela tradição e o desejo de autonomia e entra em paralelo com as vivências experiências na obra de Socorro Acioli. Como afirmou Chiziane, “Aprendi a sonhar minha vida antes mesmo de poder vivê-la e foi nesse sonho que encontrei forças para ser minha” (Chiziane, 2002, p. 112).

Logo, o corpo feminino ultrapassa a condição de objeto e torna-se sujeito de memória, resistência e criação. Essa leitura desenvolve a trajetória de Joana, uma vez que, ao permitir-se imaginar uma nova vida, ela faz do imaginário uma estratégia de sobrevivência social e política. Essas marcas ficam descritas constantemente na narrativa por meio dos seus sonhos, tornando-as lembranças e o desejo que se fundem e tornam

em realidades possíveis. E é nesse sentido que se reafirma a ideia de que não é preciso morrer para dizer que viveu, porque viver, para essas mulheres como Cida/Joana é um ato de reconstrução e é fazer do imaginário uma forma de existir e resistir coletivamente.

## 2.2 Analisar o corpo em movimento e o suspense

Ao longo do desenvolvimento da nação brasileira, sobretudo, no período pré-colonial e pós-colonial, é comprovado legalmente que o processo de escravidão foi um marco que trouxe o corpo em movimento pautado na força física e ideológica, da qual o corpo negro sempre foi submetido a marginalização e a subalternização social. Com isso, não muito distante, esse corpo negro, sobretudo, feminino foi apropriado, controlado e silenciado por estruturas coloniais e patriarcais, que definiram seus lugares, limitaram suas vozes e transformaram sua existência em objeto de dominação.

Nesse sentido, a reflexão de Conceição Evaristo (2017), contribui para compreender esse processo ao evidenciar que a experiência de mulheres negras não se configura como algo passivo, mas como uma forma de resistência e denúncia, ao afirmar que “A nossa escrevivência não pode ser lida como histórias para ‘ninar os da casa-grande’, mas para incomodá-los em seus sonos injustos”. Assim, o corpo feminino negro deixa de ser apenas um espaço de opressão e passa a se constituir também como um território de fala, memória e (re)existência, por isso, que o corpo em movimento reafirma a necessidade sem olhar atento para não ser submetido a situação vivenciadas anteriormente.

Diante disso, esse contexto dialoga integralmente com o corpo em movimento apresentado em *Oração para desaparecer*, que é o eixo mais importante que conduz a narrativa e articula o diálogo entre memória, silêncio e reconstrução. Logo, o corpo da personagem e o detalhamento imaginário da situação narrada que Acioli desenvolve nos primeiros momentos torna-se marcante, principalmente no primeiro capítulo que descreve:

Acordei com os olhos grudados de lama, o nariz entupido de terra e a boca cheia de areia estalando nos dentes. Alguém me enterrou. Bichos alisavam minha língua, rastejavam pelos ouvidos e por outros caminhos para dentro das carnes. Debaixo do chão era uma agonia gelada, molhada, fedida. Não sentia braços e pernas no breu daquela cova. Perdi a noção do meu corpo, achei que me transformaria em um bicho morto, me desfazendo até virar pó. Ninguém sabe o que fazer na hora da morte. Quando eu já suplicava pelo fim, o buraco me apertou como uma mão gigante de terra, envolveu meu corpo inteiro e começou a me

expulsar. Os olhos lacrados, a hora do parto, a boa hora de Nossa Senhora, as palavras se repetiam no pensamento tomado de desespero. (Acioli, 2023, p. 13)

Logo, o corpo durante a narrativa é uma forma de reverberar marcas de memórias deixadas fisicamente no corpo. Essa lógica ocorre porque, a trajetória da protagonista, saindo de Almofala no Brasil e indo para Almofala em Portugal fica marcada pelo desaparecimento, que é marcado por uma oração de tradições vindas de um passado ancestral, em que o tempo das lendas preserva a imagem de uma viagem que é direcionada e a incorpora outra pessoa em um outro país diferente e com uma vida moldada através de uma memória ainda não lembrada. Mas, esse movimento passa por um silêncio e por uma posterior ressurreição que se revela como um processo de deslocamento contínuo, no qual o corpo feminino se torna um espaço narrativo e simbólico em constante transformação.

Esse movimento, que não é apenas físico, mas também emocional e espiritual, instaura o suspense como elemento de tensão e expectativa, que convida o leitor a acompanhar a lenta reconstrução da identidade de Cida, que passa a acumular vários nomes, embora Joana seja o seu verdadeiro. Assim, o suspense não se limita à dimensão narrativa, uma vez que ele traduz o próprio gesto de resistência da protagonista, que, ao mover-se, desafia o apagamento e ressurge como corpo-memória (um corpo que fisicamente permanece o mesmo, mas que suas memórias de uma vida passada moldam sua essência).

Nesse sentido, à luz do pensamento de Mariana Parzewski (2016), em “Literatura, história e memória em ação: o texto em construção”, o texto literário é compreendido como um processo contínuo de reelaboração da memória e de reconstrução da história que passou por um movimento social e político. Assim, a autora defende que a literatura não apenas representa o passado, mas o reativa, dando forma a experiências que foram silenciadas e esquecidas. Nessa perspectiva, o corpo em movimento em Acioli, assume a função de “texto em construção”, em que cada gesto, cada deslocamento e o renascimento de Cida/Joana abre portas para novas camadas de memória e sentido. E conseqüentemente, o corpo vira um lugar onde o passado é revisitado e o presente é reconstruído e estabelece uma ponte entre o que foi silenciado e o que busca emergir.

Mas, o movimento da narrativa que causa suspense é mais direcionado para a incerteza sobre o destino de Cida/Joana, o mistério de sua morte, o mistério do que vai fazer por hora, se vai querer tentar descobrir quem foi no passado ou se vai seguir uma

nova vida em seu retorno. Nesse viés, percebe-se que o suspense causado por Acioli traduz simbolicamente esse processo de reconstrução da memória, em que o esquecimento é tensionado até que o corpo possa novamente ser reconhecido como espaço de existência e fala.

Não tem rio que eu não atravesse. Não tem caminho que nós não andemos. Não tem pau que eu não arranque. Não tem pedra que eu não quebre. E nem tem mal que nós não curemos. Viemos lá das cachoeiras. Com a força da Natureza. Os Encantados nos mandaram. Viemos aqui fazer limpeza. Os Encantados nos mandaram. Viemos aqui fazer limpeza. E o canto seguinte me trouxe de volta, de uma vez. (Acioli, 2023, p. 170)

Mediante a isso, ao dialogar com Michael Pollak (1989), em “Narrar o Trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes de histórias”, o movimento do corpo ganha ainda mais densidade. Isso porque para Pollak, o silêncio não é ausência, mas uma forma de resistência e de sobrevivência das memórias reprimidas. Essas “memórias subterrâneas” que permanecem latentes, esperando o momento de emergir, e é exatamente isso que acontece com o corpo de Cida/Joana, visto que ao longo do desaparecimento, o corpo silencia e esse silêncio é um modo de guardar (mesmo que na narrativa seja involuntários da personagem guardar as memórias passadas), em si, a dor, a violência e o apagamento impostos pela sociedade. No entanto, quando o corpo volta a se mover, rompe-se o silêncio/apagamento/esquecimento que o movimento torna o gesto de retorno da voz. E assim, o suspense funciona como a metáfora desse intervalo entre o silêncio e a fala, entre o esquecimento e a lembrança. Já o corpo, ao se reanimar, dá forma às memórias ocultas, convertendo a espera e o mistério em potência de vida.

Dessa forma, o corpo em movimento é mais do que um elemento narrativo, visto que ele é o próprio ato de reexistir. Por isso, Cida/Joana encarna a passagem entre a morte e o renascimento, como um trânsito que o suspense se constrói ainda mais por meio da tensão, mas também como esperança de um dia retornar a quem um dia foi. Logo, cada movimento da personagem é uma afirmação de presença contra o desaparecimento, uma recusa do esquecimento e um grito silencioso por reconhecimento.

Em diálogo com Parzewski, compreendi que o texto e o corpo se constroem mutuamente, uma vez que ambos são territórios em permanente (re)escrita. Já em consonância com Pollak, percebo que o silêncio e a memória coexistem, e que o gesto de mover é também o gesto de lembrar. Assim, o corpo feminino em Oração para

desaparecer, se transforma em um espaço literário em que ele não apenas ocupa a cena, mas produz o próprio enredo da resistência e faz do suspense um modo de narrar a persistência da vida diante do esquecimento.

### 3. METODOLOGIA

Diante disso, percebe-se que a presente pesquisa é de cunho qualitativo e interpretativo, uma vez que por meio da análise do romance *Oração para desaparecer* (2023), de Socorro Acioli, foi perceptível verificar a relevância de sua narrativa para a discussão sobre a representação do corpo feminino, bem como pelas reflexões que se mobiliza frente à memória, identidade e renascimento no contexto da literatura brasileira contemporânea. Assim, no que se refere aos procedimentos metodológicos, consideramos os aspectos narrativos, simbólicos e temáticos da obra, bem como o contexto sócio-histórico do Brasil. Mas, para isso, foi feito também uma leitura crítica e interpretativa do romance para identificar de que maneira o corpo feminino foi construído ao longo da narrativa tomando como base o espaço da memória.

Partindo disso, o referencial teórico desta pesquisa fundamenta-se em estudos que articulam literatura, corpo, identidade e memória a partir de perspectivas críticas contemporâneas que problematizam a representação do feminino. Por isso, que dialogamos com autoras como Socorro Acioli, cuja obra literária suscita reflexões sobre subjetividade e existência, além de teóricas como Conceição Evaristo (2017), que contribui com o conceito de *escrevivência*, e Elódia Xavier (2021), que discute a construção do corpo feminino e os seus atravessamentos na literatura. Ainda assim, também mobilizamos contribuições de Paulina Chiziane (2002), no que tange às narrativas de resistência e identidade feminina. E a partir desse conjunto teórico, buscamos compreender como o corpo feminino é representado dentro e fora da narrativa analisada.

Dessa forma, por meio destas autoras, a análise concentra-se na trajetória da personagem Cida/Joana, observando os processos de apagamento e reconstrução identitária que marcam sua experiência na narrativa. Nesse viés, a investigação também considera o conceito de “*Ressurrecto*” apresentado na obra, relacionando-o às discussões sobre renascimento, raça e transformação presentes no texto literário. Desse modo, a metodologia adotada permite compreender como os elementos narrativos e simbólicos presentes no romance contribuem para a construção de uma

representação complexa do corpo feminino, evidenciando suas relações com memória, identidade e resistência no âmbito da literatura contemporânea.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Verifica-se, portanto, que ao fazer a análise da obra *Oração para desaparecer*, de Socorro Acioli, permitiu-me compreender o corpo feminino como território de resistência, memória e reconstrução. Isso porque a trajetória da protagonista revelou que o corpo, ao atravessar o desaparecimento e o silêncio, não apenas sofre os efeitos da violência e do apagamento, mas também se reconfigura como espaço de existência e de fala. Ainda assim, ao fazer leitura e se integrar ao suspense da obra, percebi que na literatura contemporânea a mulher ser a principal protagonista é fazer com que haja a necessidade de mobilizar e desconfigurar os padrões de obras canônicas e dar vozes aos corpos subalternos como as mulheres escritoras.

Além disso, ao pensar no tema deste artigo, pensei em como a frase “Não é preciso morrer para dizer que viveu”, sintetiza a força dessa transformação, em que viver, na narrativa de Acioli, é um ato de afirmação e reexistência, mesmo diante da tentativa de anulação imposta por estruturas sociais. E por fim, tratar o silêncio, ao longo da obra, não se configura como ausência, mas como uma linguagem própria, que comunica a dor e a resistência feminina. Assim, em diálogo com Michael Pollak (1989), notei que é possível perceber que o silêncio da protagonista guarda as marcas das “memórias subterrâneas”, sendo aquelas experiências que, embora silenciadas pela história real/passada, permanecem latentes e pulsantes na subjetividade, mesmo que numa nova vida.

Com isso, o corpo torna-se o suporte dessas memórias e o meio pelo qual elas podem emergir, por exemplo, pelo gesto, deslocamento e do próprio movimento corporal que assume o papel de linguagem, expressando o que não pôde ser dito e torna o corpo um meio vivo das experiências femininas. Logo, chego à conclusão de que essa pesquisa representa que a literatura de Acioli, ao colocar o corpo feminino como centro da narrativa, rompe com o olhar tradicional que o reduz ao objeto e o posiciona como sujeito de ação e de memória. Por isso, o romance reafirma que viver, para a mulher, é resistir e ao mesmo tempo é transformar o silêncio em linguagem, o desaparecimento em presença e o corpo em um texto que, em constante movimento, escreve a permanência da vida.

## REFERÊNCIAS

ACIOLI, Socorro. **Oração para desaparecer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

ALEXANDER, Simone A. James. **Vozes de mulheres: genealogias e processos de escrita**. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2017.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: **Uma História de Poligamia**. Maputo: Promédia, 2002.

EVARISTO, Conceição. **Da grafia-desenho de minha mãe, um dos conceitos de minha escrita**. Rio de Janeiro, 2017.

ALEXANDER, Simone A. James. **Vozes de mulheres: genealogias e processos de escrita**. Rio de Janeiro: Editora Metanoia, 2017.

PARZEWSKI, Mariana. Literatura, história e memória em ação: **o texto em construção**. In: Anais do Congresso Internacional da ABRALIC, 2011.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 200-212, 1989.

SOUSA, Noémia de. **Sangue Negro**. Lisboa: Editorial Caminho, 1982.

XAVIER, Elódia. **Corpo, violência e silenciamento: a representação do feminino na literatura escrita por mulheres**. Curitiba: Appris, 2021. p. 231-245.